

Melbourne. Rodgers comunica a Spencer: "Diga-me uma senha: a primeira palavra que passar pela sua cabeça."

Spencer diz: "Lilás."

Fica-se à espera. O telefone toca. Rodgers fora visto em Sidney. Continua sendo visto em Sidney, na rua. Às cinco da tarde há uma chamada telefônica de Sidney para Spencer.

"Quem fala é Rodgers, diz a voz ao telefone. A senha é 'Lilás'."

O resto é silêncio. Manteve-se a promessa, as investigações não prosseguiram. Em 1942, Rodgers é morto em combate. Seu segredo morreu com ele. Talvez tivesse um irmão gêmeo, porém não se encontrou qualquer vestígio disso no registro civil. Talvez tivesse um sócio, mas as impressões digitais encontradas no quarto de hotel em Sidney são realmente suas. Jamais se viu o sócio e ele ao mesmo tempo. A lenda e a Tradição dizem que quem quer que encontre seu sócio ou *Doppelgänger* morre. No entanto, isto não sucedeu a Goethe, que deparou com seu sócio vestido como ele e relata o acontecimento em *Les Conversations avec Eckermann*. No século XIX, Emilie Saget, uma governanta francesa de uma família dos Estados Bálticos, tinha uma sócia que foi vista por diversas vezes.

Para o anedotário, é o tema do ótimo romance de Helen Mac Cloy, *Le Miroir Obscur*, publicado na França nas Edições Pierre Horay)

O mesmo fenômeno da ubiqüidade é atribuído ao místico italiano contemporâneo Padre Pio. Contudo, a estória de Padre Pio é obscura e controversa.

Independentemente do Padre Pio, a existência de seres dotados do poder da ubiqüidade parece extremamente provável.

Eles manifestam o menos possível esse poder, como se soubessem que isso, de algum modo, é proibido. Conforme dizia Roger Bacon:

"Ainda que nem todas as coisas sejam permitidas, todas elas são possíveis."

Permitidas por quem? Não sabemos.

De qualquer maneira, não só os processos contra feiticeiros como a hostilidade geral da humanidade por qualquer pessoa que é diferente tornam isto compreensível: há interesse em não manifestar qualidades excepcionais demais. Há interesse em se esconder.

Podemos nos perguntar, de uma maneira geral, se os seres excepcionais que às vezes detectamos entre nós habitam esta Terra ou consideram-na simplesmente como um lugar de passagem. Todas as tradições insistem no aspecto da Terra como um lugar que deve ser atravessado: "lugar de passagem", "império do meio" e centenas de outras denominações.

Imaginemos por um instante que o universo seja bem mais complexo do que pensamos e que, para se ir de um determinado ponto a um outro, seja necessário atravessar a Terra.

Imaginemos, também, que a maioria dos seres que fazem esta viagem tenham faculdades telepáticas.

As pesquisas de um psicanalista austríaco, Urban, demonstraram que isto é o que acontece com os paranóicos humanos que se julgam perseguidos, porém, na verdade, percebem de maneira telepática sentimentos de hostilidade inconsciente em seus pais ou parentes. É certo que se o grande público soubesse que a Terra é visitada, uma aura de ódio cego se manifestaria e talvez os destruísse se fossem mais sensíveis ainda do que os paranóicos humanos normais. Conseqüentemente, sua existência deve ser escondida.